Segunda-Feira, 09 de Novembro de 2026

Sociodivergente ou esquisitão

Tenho uma leve impressão de que sou sociodivergente. Pensando bem, é bem provável que eu seja sociodivergente. Vamos combinar, é melhor assumir: certamente sou um sociodivergente.

O leitor deve estar interessado em saber o que significa a palavra sociodivertente. Nem tente buscar no Google, no GPT, no Gemini ou nos dicionários da língua portuguesa, você não vai encontrá-la, porque ela não existe. Ou melhor, não existia, agora, pretensiosamente, a inventei. E o fiz com o único objetivo de qualificar-me — desqualificar-me parece mais apropriado.

Primeiro criei o neologismo, depois, para dar-lhe requintes sociológicos (embora eu nada saiba de sociologia) pedi para a IA criar uma genealogia rebuscada que lhe emprestasse imponência. Rapidamente o GPT atribuiu origem à minha criação: “do latim socius, companheiro, associado, e divergere, afastar-se em direções diferentes.”

“Explicada” a origem latina, faltava o significado do verbete, que veio em seguida: “condição comportamental caracterizada pela inadequação voluntária, seletiva e geralmente inofensiva do indivíduo aos hábitos comuns da sociedade”.

Pronto, agora, amparado pela inteligência artificial, posso responder aos meus familiares, que me acham um baita esquisitão, que sou simplesmente um sociodivergente. Como eles não sabem o que isto significa, podem até achar que seja uma síndrome passageira ou um vacilo, próprios da idade avançada.

Antes que me perguntem a razão de considerar-me um sociodivergente vou dizer-lhes o porquê. Você, caro leitor, deve conhecer alguma pessoa que não gosta de viajar— é raro, mas existem algumas. Também, provavelmente já viu alguém que não vai a Shoppings. Por certo, sabe de uma ou outra pessoa que abomina palestras, reuniões, lançamentos. shows e apresentações de qualquer natureza. É possível até se lembrar de um conhecido que há 30 anos não vai ao cinema.

Mas, certamente, todas estas “qualidades” concentradas em uma só pessoa não é fácil encontrar.

Tem mais, minhas “virtudes” não cessam aqui: sou absolutamente metódico. Vou ao escritório rigorosamente todos os dias do ano, embora não tenha nenhuma obrigação de fazê-lo e nenhum compromisso que não possa esperar um dia, uma semana ou um mês. Leio jornais (impresso e digitais) todos os dias, no mesmo horário e no mesmo lugar.

Meu comportamento é tão previsível que se um dia eu disser pra minha mulher: Boa noite, meu bem! Bom sono! Ela vai arregalar os olhos e imediatamente telefonar à polícia e pedir apoio para conter o marido em surto. “Rápido”, ela dirá, “venham logo, ele está super estranho, falando coisas que nunca disse antes. Tenho medo que cause danos a si mesmo ou a outros”.

Depois de mais de 50 anos de casamento e conhecendo bem o marido, ela atribuiria essa gentileza repentina a uma pane mental.

Se alguém ler este texto e eventualmente comentar com qualquer dos meus três filhos e lhes perguntar se eles consideram o pai sociodivergente, tenho certeza de que todos discordarão enfática e veementemente:

“Não adianta usar eufemismos para tentar aliviar a barra dele,” eles dirão: “o velho é esquisitão mesmo!”

Renato de Paiva Pereira é empresário e escritor